



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Prefácio

Rodrigo Peloso Gelamo

Como citar: GELAMO, R. P. Prefácio. *In:* GARCIA, A. V. **A filosofia e seu ensino podem colaborar para adiar o fim do mundo?** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 13-22.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-183-6.p13-22>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Prefácio

Uma *ecosofia* das relações: e se a filosofia pudesse adiar o fim dos mundos?

Tenho dificuldades de escrever prefácios. No caso deste primeiro livro da Amanda, minha tarefa torna-se ainda mais difícil, porque o texto conta com a magia suficiente para encantar o leitor e, seguramente, com uma potência de pensamento que vai incomodar a muitos. Isso, em si, já tornaria um prefácio, além de tudo, desnecessário e inconveniente. Desse modo, as palavras que se seguirão dizem menos sobre o livro do que deveriam. Afinal, o que eu poderia dizer de um livro cujas intensidades e pensamentos se dizem por si mesmos? Nada. Sinto-me um *infans*, sem palavras para expressar. Mesmo assim, vou ensaiar algumas palavras, ainda que desnecessárias, na tentativa de encontrar um sentido para aquilo que o livro move em mim. Por isso, esse prefácio será muito mais um grito, ou um sussurro.

Normalmente nos prefácios, assim como na filosofia (ou especialmente na filosofia), escrevemos sobre os livros e os interpretamos; lançamos luz sobre seus aspectos e antecipamos aquilo que o leitor encontrará neles. Como se sabe, o objetivo do prefácio é escrever *sobre* o livro, e *escrever sobre* algo é uma técnica que a filosofia acadêmica nos ensina

<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-183-6,p13-22>

muito bem. Por isso, em tese, não deveria haver dificuldades em escrever um prefácio.

No caso do livro da Amanda, *escrever sobre* ele é um desafio quase intransponível, pois, como escrever *sobre* um livro cuja concepção de filosofia não se restringe à escrita? Teríamos de *escrever sobre* algo que não aceita que sobre ele se escreva. Eis o nó. A saída talvez seja relatar uma experiência. Por outro lado, discorrer sobre a experiência de pensamento da Amanda é algo muito complexo, uma vez que seus caminhos na filosofia não são retilíneos. Ao contrário, percorrem trilhas estreitas, entram em cavernas obscuras, saltam de penhascos, apoiam-se na areia movediça, e, especialmente, não têm um "filósofo de estimação". Amanda tampouco quer fazer a interpretação de algum filósofo. Isso torna as técnicas que aprendemos de *escrever sobre*, de analisar e interpretar textos insuficientes para tal.

Por outro lado, os problemas que a Amanda coloca são como teias repletas de injunções problemáticas, forçando-nos a percorrer os caminhos por ela cartografados com muito cuidado, levando-nos a experiências-limite. Muitas vezes isso se dá com a iluminação de uma lamparina para não ofuscar, com o excesso de luz, as nuances de seu pensamento, o que torna a tarefa de interpretar, narrar ou comentar, impossível. Nesse sentido, a possibilidade que encontrei de me relacionar, simultaneamente, com seu livro e com suas experiências, foi o testemunho.

Testemunhei esse acontecimento e vou inventar uma forma de expressar, do meu modo, aquilo que vivi com a Amanda. Vou dizer, então, aquilo que vivemos juntos nessa jornada e durante o tempo em que tive a oportunidade de trilhar, junto a ela, um caminho. Digo isso porque certamente este livro se iniciou antes de nos encontrarmos e continua a ser

escrito depois de a Amanda tê-lo submetido a análise. Além do mais, há de se considerar que nenhum livro diz tudo o que o seu autor gostaria de ou teria a dizer.

Penso que o livro da Amanda diz muito, mas, ao mesmo tempo, diz muito pouco de tudo o que teria a dizer. Assim, essas páginas que se seguem ao prefácio expressam apenas alguns vestígios da filosofia e da vida filosófica vivida pela autora. São apenas rastros de alguns dos muitos caminhos trilhados e de experiências vividas. É aquilo que se vê quando se lança um olhar sobre os ombros, para um passado, para as marcas deixadas pelo caminho. Meu privilégio foi ter podido fazer parte de alguns desses momentos quando pudemos caminhar juntos, muitas vezes em silêncio, outras, provocando-nos mutuamente e em raros momentos concordando sobre algo. Isso tornou nossos encontros povoados de dissenso e nos ajudou a ter de deixar de lado alguns dos valores que carregamos desnecessariamente.

Uma noção que qualifica nossa relação de amizade no pensamento é o desafio. Desafiemo-nos mutuamente desde 2010, quando a conheci em um processo seletivo do PIBID. Ela não se tornou minha orientanda nesse projeto, mas, daquele momento em diante, nossas vidas se cruzaram e vivemos uma intensa relação marcada por provocações, e foram muitas, mas especialmente por partilha de pensamentos, quase nunca de forma pacífica. Nesses onze anos de convívio, nossos pensamentos foram mutuamente violentados pelos signos que trazíamos à nossa relação. Acredito que em três momentos nossa caminhada foi mais intensa. O primeiro foi quando trabalhamos juntos em dois projetos que se complementavam: o PIBID, que buscava olhar para a escola e encontrar os limites e as possibilidades de ensinar a filosofia no Ensino Médio, por meio do *São Paulo faz Escola*; o projeto que tinha como temática o ensino

da filosofia em espaços não formais e que procurava trabalhar com adolescentes da *Fundação Casa*. Nesse contexto pudemos nos problematizar, confrontar e ver a que ponto trazíamos em nossos corpos os processos de institucionalização escolar. O segundo momento foi quando ela se tornou supervisora dos bolsistas do PIBID e tivemos a oportunidade de conversar muito sobre as condições institucionais do ensino da filosofia nas escolas e atualizar as intensidades e experiências dos projetos anteriores. E, finalmente, em sua pesquisa de doutorado, que tive a satisfação de acompanhar e com ela aprender muito sobre possibilidades de costurar todas essas experiências para poder pensar o ensino de filosofia e a possibilidade de adiar o fim do mundo. Poderia acrescentar a essa lista ainda um quarto momento, em que tivemos a oportunidade de aprender aquilo que outros seres vivos podem oferecer e viver a experiência que extrapola a cognição feita por um sujeito centrado em um *Eu*. Essa experiência-pensamento ajudou a *segurar o céu* sobre nossas cabeças enquanto procurávamos traduzir isso para, quem sabe, fazer sentido aos outros.

Acho que nenhum de nós ensinou nada ao outro, mas aprendemos muito juntos, especialmente a conviver. O lugar onde tudo isso se iniciou foi a criação do *Grupo de estudos e pesquisa em ensino da filosofia* (ENFILO) por insistência do grupo de estudantes e bolsistas de que a Amanda fazia parte. Esse foi o lugar de convívio de um *bando* que se reunia, ora na sala 10, ora nos corredores e se perfilhava por muitos outros espaços. Acredito que esse tenha sido o acontecimento que trouxe várias pessoas para habitar um lugar comum e nos deter sobre esse comum, o acontecimento em que todos nós aprendemos o valor do coletivo. Da luta coletiva. Do pensamento coletivo. Da ação coletiva. O ENFILO foi uma criação coletiva que aproximou pessoas e juntou seus projetos.

Essa multiplicidade de pessoas se reunia para pensar juntas algo que estava posto em comum. Cada uma trazia aquilo que tinha de melhor ou pior. Suas experiências, pensamentos, afetos, teorias. Como sempre foi um espaço para o pensamento coletivo, a errância sempre foi uma característica cultivada. Não havia, e ainda não há, um centro de referência teórico. O movimento do grupo se dava por atratores que, simultaneamente, nos organizavam e desorganizavam. O ensino da filosofia era o vetor, nosso lugar comum. As pessoas que compunham o grupo, suas vivências, experiências e pensamentos constituíam os múltiplos atratores que disputavam o ensino de filosofia.

Nosso coletivo moveu-se por atratores em seus vetoriais e Amanda exerceu uma força atratora muito grande sobre esse vetor. Ela foi um dos múltiplos motores para que o grupo fosse um movimento coletivo que agenciava pessoas, pensamentos e lutas. Esse coletivo, atraído pela força da Amanda, lutou pela re-estruturação do curso de filosofia, pleiteando novas disciplinas que tensionavam o caráter eurocêntrico da formação do bacharel e abriu a possibilidade para que disciplinas de caráter filosófico pudessem fazer parte do currículo de licenciatura, dando mais densidade à formação do professor de filosofia. Esse movimento, para além das conquistas institucionais, trouxe para o grupo que fazia parte daquele movimento uma formação política muito densa e qualificada que reverbera até hoje nesses corpos que já não estão mais na UNESP e que continuam suas lutas em outras instituições.

Esse movimento formou também pesquisadores e foi responsável por me deslocar do lugar institucional de professor responsável por formar pessoas. Tornei-me, então, aprendiz: mais um entre os demais e mais um entre os iguais. Nesse sentido, eu não fui o *primus inter pares*, como se espera que aconteça na vida acadêmica, em que primeiro vem o professor

e, depois, os alunos. Ao contrário, vim depois. Fui atraído pelo movimento articulado pelos estudantes e passei a fazer parte desse coletivo. Aprendi com eles o valor da coletividade, uma raridade nas instituições de formação e de pesquisa, mas talvez a única possibilidade de escapar do solipsismo acadêmico.

Penso que o livro da Amanda seja sobre isto: o valor da coletividade. O valor dos agenciamentos coletivos, das enunciações coletivas, do pensamento coletivo. Mas é também uma crítica contundente aos vários processos de formação pelos quais ela passou, que procuraram *silenciar* seus afetos e seus pensamentos, um processo de assujeitamento individualizante. Nesse sentido, este é um livro-denúncia. Ele denuncia as mazelas da escola e da universidade com seus processos autoritários de formação daqueles que não têm luz, seus *alunos*. É um livro que denuncia os processos de individualização que produz sujeitos empreendedores de si e egoístas. É, ainda, uma denúncia aos machismos, racismos, eurocentrismos, *privilegismos*, especismos, enfim, a todo um processo normalizador e modelador de subjetividades que visa a atender a um "modelo de civilização" eurocentrada que, como o leitor poderá notar na análise feita pela Amanda no decorrer do livro, está produzindo um colapso em nosso planeta. Enfim, uma denúncia dos vários silenciamentos pelos quais passamos.

Este é também um livro-diagnóstico em perspectiva, pois a autora analisa sob vários ângulos as diversas experiências de formação pelas quais passou. Assume, assim, o papel de narradora de experiências; não das *suas* experiências, mas daquelas coletivas dos lugares por onde passou como estudante e como docente de filosofia para diagnosticar as políticas de ensino de filosofia no Brasil, em especial apresentando qual a filosofia que vai à escola e à universidade e qual o seu papel na formação dos estudantes.

Procurou verificar quais foram as raízes que dão sustentação à árvore do conhecimento, das práticas institucionais e das relações que usualmente temos com a filosofia. Com esse olhar, destacou o enraizamento que a colonização dos saberes produziu no modo de pensarmos a filosofia como um processo de identificação das coisas, especificação de gênero, raça, espécie e universalização da razão. A consequência disso foi o apagamento das diferenças, das experiências singulares e coletivas, bem como dos saberes produzidos por essas experiências por meio da universalização e racionalização dos saberes. Em seu diagnóstico, Amanda mostra-nos como nos tornamos logocêntricos, cerebralistas e exclusivistas em um processo que chamou de "alucinação narcísica".

Mas será que a *filosofia pode ainda adiar o fim do mundo*? Esta é a questão central que, a partir de suas denúncias e diagnósticos, Amanda se propõe a responder ou, pelo menos, a ensaiar algumas respostas. Para isso, ela pensa várias filosofias. A filosofia erva-daninha, que nasce em todo lugar: entre paralelepípedos, nas trincas das paredes, no asfalto quente, na terra que se junta no assoalho do carro, mas, especialmente, em todo lugar onde a monocultura procura se instalar. O pensamento erva-daninha vem incomodar a clareza e distinção, a sistematicidade, a lógica interna e a monocultura da filosofia ocidental. Ela se impõe como diferença e vem perturbar a hegemonia dos saberes colonizadores dos pensamentos. A filosofia erva-daninha é insurgente, insubordinada, irreverente, combatente e, especialmente, resistente. Por isso, ela insiste sempre em aparecer e incomodar o estado de coisas que a filosofia monocultural impõe. Talvez, uma das principais características dessa filosofia seja sua ação coletiva.

Outra filosofia proposta é a microfilosofia da ocupação. Há nisso um pano de fundo que o livro simultaneamente mostra e esconde. Talvez seja necessário fazer uma dobra do terceiro capítulo sobre o primeiro para perceber do que trata essa ocupação. Amanda é afeita a isso. Ela gosta de ocupar os lugares e faz isso com muita intensidade. Sua força atratora expande-se nos lugares por onde passa. Claro que isso nem sempre é aceito com muita tranquilidade, pois muitos elementos que compõem o conjunto da relação são necessariamente afetados. Pude testemunhar vários desses acontecimentos. No ENFILO, como já narrei anteriormente, sua ocupação trouxe um tom político necessário às discussões teórico-acadêmicas que possibilitou mudanças internas ao grupo e ações institucionais que ecoam até hoje. Quando foi supervisora do PIBID, tensionou a vida acadêmica dos bolsistas, cujos efeitos se pôde notar na participação deles nas aulas que ministrou. Amanda ocupou também as escolas onde dava aulas. O conselho de curso de filosofia. As aulas. E, como diziam os meninos da Fundação Casa, projeto de que foi bolsista: - "você entram na nossa mente". Não se ocupa um lugar, e ainda mais vários, sozinho; é necessário um *bando* para isso.

A filosofia da ocupação, proposta neste livro, encontra nos fungos, bactérias e vírus uma estratégia de contágio, de penetração e de ramificação capaz de inocular nas pessoas uma filosofia que as arraste para fora de sua alucinação narcísica. Inocula nelas uma potência de re-existência que as torna capazes de criar para si um modo de vida outro. Aquilo que a Amanda sempre perseguiu foi uma filosofia ecológica e, com o passar dos anos, pudemos notar que sua proposta passou a ter um sentido, ao mesmo tempo, plural e pungente. Sua *ecosofia* ultrapassa as sobreposições, interações ou mesmo diálogos entre os seres, entre sujeitos e animais e plantas e fungos e bactérias e vírus e pedras. Penso que a palavra que mais

se aproxima da sua proposta é o emaranhado. Uma trama de seres que se relacionam, convivem e sobrevivem mutuamente em *simpoiésis*, produzindo, assim, subjetividades múltiplas (se é que é possível falar ainda em subjetividade). Com isso, há a re-composição de práticas sócio-esteto-eto-políticas em que as multiplicidades podem se expressar sem hierarquias.

Neste livro, o leitor encontrará uma fina *ontologia das relações*. Um convite a pensar para além do *antrophos* e do *logos*. Este talvez seja o grande desafio que a Amanda se coloca: pensar um ensino de filosofia que não seja, eurocentrado, heteronormativo, segregacionista, capitalocêntrico e antropocêntrico. Sua proposta coloca em conexão saberes múltiplos e mais do que humanos, uma *ecosofia relacional* em que todos aprendem a pensar-com no lugar onde se vive, com suas disputas e cooperações, onde todos nós nos relacionamos e podemos, ou devemos, multiplamente cooperar, já que somos destinados a nos relacionar. Talvez essa *ecosofia das relações* proposta pela Amanda possa nos ajudar a colaborar para adiar o fim dos mundos ou, pelo menos, tornar o mundo mais pluriversal nas relações a ele imanentes.

A juventude da Amanda contrasta com a força e a densidade que o leitor irá encontrar aqui. Penso este livro como uma genuína filosofia brasileira. Uma filosofia feita no Brasil e por uma brasileira. A alegria toma o meu corpo ao dizer isso. Estou diante de um acontecimento. Um acontecimento que tem mudado a história filosófica de nosso país: o direito à filosofia. Já não é um ou outro que vem fazendo isso. Já não são individualidades geniais que estão fazendo filosofia em seus quartos de estudo. É um *bando*. Um bando com sede e fome de filosofia. Um bando que não se submete ao silenciamento histórico que se pode notar no Brasil. É nesse bando e nessa luta que a Amanda se encontra. Foi isso que pude

acompanhar nos anos em que tive o privilégio de estar perto o suficiente para aprender com ela e longe o suficiente para não atrapalhar. Ademais, sou grato por poder presenciar e testemunhar esse acontecimento. Estas são apenas as minhas impressões. Convido o leitor a desfrutar o livro com cuidado e tirar dele as próprias impressões.

Rodrigo Pelloso Gelamo